

O sujobloguismo como expressão de contra-hegemonia e crítica: reflexões a partir de *Viomundo*, *Escrevinhador* e *Blog da Cidadania*

Cláudio Rodrigues Coração
André Gustavo de Paula Eduardo

Palavras introdutórias

A campanha eleitoral de 2010 no Brasil, notavelmente para a disputa do cargo de presidente, polarizou-se uma vez mais na peleja entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Não obstante a expressiva votação da candidata do Partido Verde, Marina Silva, Dilma Rousseff, herdeira do projeto governista petista, e José Serra (PSDB), como candidato principal da oposição, dominaram os ânimos da divisão eleitoral. Dentre as singularidades dessa campanha, no que diz respeito ao campo da comunicação, merece especial olhar a ascensão da internet, talvez não como fator decisivo, mas ao menos como provedor de pluralidade de opiniões; como agente de contestação das mídias tradicionais e suas práticas; e como difusor de propaganda de um lado e outro. Já havia crescente participação da rede em 2006 e durante a campanha que elegeu Barack Obama presidente dos EUA em 2008, mas em 2010 se mostravam mais presentes as redes sociais, principalmente o então ascendente Facebook, além de mídias como o Twitter e o YouTube, que permite o armazenamento-difusão-visualização de vídeos diversos. No entanto, interessa aqui a reflexão acerca de um fenômeno afeito à blogosfera, então já consagrada, mas que se destacava de modo singular naquele contexto e que parecia, a um só tempo, apontar para fatores de degenerescência (ou obsolescência) da mídia tradicional – impressa e televisiva – e também mostrar certa unidade (aparente, ao menos) no que tange ao papel crítico da internet: a ascensão dos “blogs sujos”. Ou, como chamaremos aqui, do *sujobloguismo*. Na opinião de Venício de Lima (2012: 200), “a internet inaugura uma forma de se

fazer política e não apenas reproduz as práticas existentes”, ainda que vista como mais uma “potencialidade de democratização da política do que uma realidade concreta” (2012: 201).

Talvez não tão “sujos” nem tão “ascendentes”, os “blogs sujos” já existiam antes de 2010, mas naquele contexto – no campo de batalha eleitoral, política, ideológica – ganhavam visibilidade e espaço conforme aumentava o acirramento da campanha presidencial. Porém, curiosamente, sua suposta homogeneidade ideológica seria denunciada justamente pelo criador da expressão “blog sujo”, que seria adotada pelos blogueiros – que frequentemente usavam a alcunha “progressistas”: o candidato do PSDB, José Serra, durante o 8º Congresso Nacional de Jornais (promovido pela Associação Brasileira de Jornais), em 19 de agosto de 2010¹. Serra se referia aos blogueiros que supostamente agiam para denegri-lo, ou atuavam como cabos eleitorais da candidata petista. Supunha-se que seriam eles Paulo Henrique Amorim, Luiz Carlos Azenha, Luís Nassif, Rodrigo Vianna, dentre outros. Quase sempre jornalistas experientes, pareciam todos se abrigar sob o estigma da crítica ao candidato tucano e, naquele contexto agiriam, em tese, dentro de um posicionamento favorável à então candidata Dilma Rousseff. Serra, ao se referir a “blogs sujos”, consagrou uma expressão que seria adotada prontamente, de forma irônica. O “blog sujo” somou-se a outras expressões já consagradas por essa geração de blogueiros, como a “clássica” Partido da Imprensa Golpista², ou simplesmente “PIG”, surgida e acalentada no sítio de Paulo Henrique Amorim, o *Conversa Afiada*. Após a declaração de Serra, os antes “blogueiros progressistas” aceitaram prontamente o apelido de “sujos”, caso não apenas dos citados acima, mas também de outros como Eduardo Guimarães, Conceição Oliveira e Miguel do Rosário.

Embora seja discutível o alcance eleitoral da internet naquele ano, a fala de Serra evidencia uma preocupação com o conteúdo por ela propagado, acentuando assim sua importância; e, não por acaso, na mesma eleição alguns episódios diretamente influenciados pela internet se consagraram, como o caso em que um objeto foi arremessado sobre o candidato tucano, sendo prontamente difundido como algo “pesado” ou agressivo. Uma matéria do SBT demonstrou que o objeto não passava de uma bolinha de papel. No entanto, a difusão do incidente só tomou corpo com a atuação da internet, que simplesmente inutilizou a tentativa do candidato de se passar por vítima de agressão³, transformando um evento supostamente preocupante em algo risível.

Interessa-nos nesta reflexão o entendimento de algumas questões que se seguem ao surgimento do *sujobloguismo*⁴: seria o “blog sujo” não apenas um contraponto à mídia tradicional, mas também sintoma e/ou fator de suas crises? Tendo como pressuposto uma crise no jornalismo eclodida, dentre outras razões, pela ascensão da internet, um “movimento” como o *sujobloguismo* estaria em posição de vanguarda quanto à adaptação aos “novos” tempos? Ou ainda: há de fato um *sujobloguismo*,

e seriam os “blogs sujos” tão (ou suficientemente) homogêneos? O contraponto desses blogs seria meramente ideológico, em face de um posicionamento histórico e consagrado por parte da mídia tradicional – notadamente veículos como a Rede Globo, e jornais como O Globo, o Estadão, a Folha de S. Paulo e a Revista Veja, ou haveria também um questionamento de ordem técnica? Dito de outra forma: é possível opor uma “velha mídia” *versus* uma “nova mídia”, afeita à interatividade internética e representada aqui pelos “blogs sujos”?

Para tentar responder a tais questões, elencamos para fins de análise e reflexão três “blogs sujos”: *Viomundo*, de Luiz Carlos Azenha, *Escrevinhador* de Rodrigo Vianna e *Blog da Cidadania* de Eduardo Guimarães. Cabe ressaltar que a percepção *a priori* sobre o *sujobloguismo* não se limita apenas a uma suposta “coesão ideológica”, ou ainda, conforme a leitura do próprio autor da expressão “blog sujo”, o candidato derrotado, na ocasião, José Serra, um instrumento de propaganda a favor do PT. Antes, importa aqui entender suas marcas, suas diferenças e seu papel, não como veículo de munição ideológica, mas de acordo com os questionamentos acima, na tentativa de elucidar sua importância, contexto, vitalidade e, acima de tudo, sua posição face à mídia tradicional e seu encaixe no contexto crítico da imprensa global, de mudanças estruturais, de questionamento de paradigmas e aparente desconfiança quanto à imprensa “clássica” – que podemos comprovar pelos números descendentes de vendas de jornais e revistas, bem como nas quedas em audiência na televisão. Cabe também buscar entender, nas páginas que seguem, acerca do que chamamos *sujobloguismo*: movimento localizado, prenúncio ou sinal de efetivas mudanças?

Ascensão e inserção do sujobloguismo: novo ator em cena?

Parece ter-se sublinhado, recentemente, o papel de uma “nova mídia” no Brasil, no tocante à formação de opinião. A um só tempo a crise da imprensa tradicional aponta para a obsolescência dos veículos antigos, sobretudo jornais impressos, e para o advento dessa “nova mídia”, afeiçãoada à internet. Segundo Venício de Lima (2011: 169), a velha mídia, ou “grande mídia”, “continua relevante, mas não tem nem de longe a importância na formação da opinião pública que a ela atribuíamos em passado recente”. O conjunto de alterações estruturais que se apresentam aponta para a inevitável polarização entre o “novo” e o “velho”, e indicam uma “quebra da unidirecionalidade histórica da comunicação de massa e a possibilidade de maior pluralidade e diversidade no espaço público” (Lima, 2012: 204).

Os três “blogs sujos” elencados, *Viomundo*, *Escrevinhador* e *Blog da Cidadania* são administrados, respectivamente, por Luiz Carlos Azenha, Rodrigo Vianna e Eduardo Guimarães. Azenha e Vianna são jornalistas, com larga experiência, tendo transitado por diferentes emissoras de TV. Guimarães é pequeno-empresário, apresentando-se diretamente como um militante. Embora tratemos aqui do blog, meio já bastante

difundido há pelo menos uma década, quase sempre utilizado como mero diário pessoal ou depositário de opiniões pessoais, mas de notável função política em casos específicos, é importante acentuar que sua importância não decresceu com o tempo, mesmo após o advento das redes sociais e outras ferramentas. Vizer (2007: 36) destaca a função da blogosfera como partícipe da militância política de nossos tempos, acentuando que o novo meio de comunicação se coaduna com um novo tipo de militância, no qual “o ativismo social já não deve ser forçosamente organizado nem requer ‘atos de fé’ nem formalidades” (idem, *ibidem*). A blogosfera ascende num contexto de comunhão de fatores de ordem tecnológica, e também econômico-social, como a “crescente diminuição dos custos de produção, o acesso e os usos sociais que permitem tais tecnologias e, por último, mudanças nas demandas sociais” (Vizer, 2007: 39). A análise de Vizer vai ao encontro do balanço realizado por Venício de Lima (2011: 162-165) sobre o crescimento acentuado da participação da população brasileira na internet (conjugado com o aumento da capacidade de consumo), que explicaria o acesso maior a essas novas ferramentas, colocando a internet como o segundo meio de comunicação mais utilizado pela população, atrás apenas da televisão⁵. Espaços como *Viomundo*, *Escrevinhador* e *Blog da Cidadania* fazem parte desse processo de reconfiguração e, de certa forma, confrontação entre novas mídias e uma velha imprensa, além de autênticos exemplares dessa recente relação entre os novos meios, cuja marca suprema é sua interatividade e o potencial de militância política.

De modo geral, há diferenças bastante evidentes entre os três blogs. *Viomundo*, de Luiz Carlos Azenha, surge em seções bem delineadas, cujos títulos são autoexplicativos: “denúncias”, “política”, “entrevistas”, “opinião do blog”, “você escreve”, além da “interatividade costumeira” – *links* para outros sítios, um com destaque para o “Blog da Saúde” de Conceição Lemes, e ícones indicando o interdiálogo com o Twitter, Facebook, YouTube e o Google. Há também o “Baú do Azenha”, com matérias antigas. De modo geral, Azenha tem poucos, mas significativos textos de lavra própria, e demonstra preferência pela reprodução de artigos, notícias, análises, opiniões, sempre dentro de uma conjuntura à esquerda, politicamente. Mais que um espaço de opinião própria, seu blog atua como espaço de reverberação de opinião, apontando para o diálogo com outros “blogueiros sujos” como Miguel do Rosário, Conceição Oliveira ou Rodrigo Vianna, e surgindo pontualmente em artigos opinativos.

Escrevinhador, de Rodrigo Vianna, age como uma espécie de observatório, com uma divisão em seções específicas, como “Vasto mundo”, sobre política externa, ou “Força da grana”, sobre economia, e até um espaço para indicações de leitura, “Sopa de letras”. No entanto, algumas seções são genéricas, talvez confusas, com pouca diferenciação entre si e com o mesmo propósito que poderíamos chamar de informativo-militante, caso de “Plenos poderes”, “Palavra minha”, “Radar da mídia”, “Vestígios”. Tal como Azenha, Vianna também se vale de opinião de outros autores,

mas com uma diferença essencial: em primeiro plano surge sua própria opinião, abundante em textos, contemplando os principais assuntos da política nacional, e exercendo, como é tendência dentre os “blogs sujos”, um papel de vigilância sobre a mídia, comentando matérias e tendências do universo da “velha mídia” (para alguns, o “Partido da Imprensa Golpista”), e também se atentando para as reverberações dessa “velha mídia” na internet – as matérias nos sítios de O Globo, Estadão, Folha, Veja, etc. O *Escrevinhador*, tal como o *Viomundo*, contém sua abertura para as demais ferramentas da internet (Twitter, Facebook, YouTube e Google) e *links* para outros sítios, dentro do espectro da esquerda.

O *Blog da Cidadania* de Eduardo Guimarães não contém seções. É um apanhado de textos de militância, em geral na defesa do governo Dilma, e, antes, do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Mais do que *Escrevinhador* e *Viomundo*, que se apresentam como espaços de debate, o *Blog da Cidadania*, dirigido não por um jornalista, mas por um militante, interessa prontamente como exemplo afeito à própria crise da figura tradicional do jornalista, como no apontamento de Caio Túlio Costa (2009: 244-245) sobre a emergência de dois atores: o “indivíduo-repórter” e o “cidadão-repórter”, bem como a frequente competição de ambos com a figura clássica do jornalista; e de Vizer (2007: 37), que havia identificado a figura do militante e sua ascensão como ator relevante no contexto de reconfiguração das práticas midiáticas.

A busca por novas definições sobre a relação entre público-jornalista, ou mesmo entre jornalista-não jornalista, tem seu *locus* na discussão sobre a crise aberta pela emergência radical da interatividade da internet, que colocou em xeque não apenas as antigas relações de produção da notícia, mas também as próprias narrativas abrigadas pela mídia, que possuem outra lógica de produção e consumo dentro do universo cibernético. Arlindo Machado (2007) discorre sobre essas relações, bem como sobre o que chama de “agenciamento” do espectador.

Grosso modo, costuma-se apontar como marca diferencial dos meios digitais a *interatividade*, ou, mais exatamente, o *agenciamento* do espectador: tudo o que vai se desenrolar na tela depende agora das decisões, ações e iniciativas tomadas pelo sujeito que se relaciona com ela, o usuário do computador. Se for verdade, portanto, que, nas situações simuladas por computador, os ambientes e seres virtuais que aparecem na tela podem ser alterados, introduzidos, dispostos e destruídos por essa megapersonagem que é o usuário, a “narrativa” (...) já não pode ser definida como antes (Machado, 2007: 143).

O apontamento de Machado (2007) contempla esse “novo papel” do sujeito em interação, que permitirá, por exemplo, um “não-jornalista” como Eduardo Guimarães se debruçar sobre o exercício de práticas antes restritas a “profissionais”, bem como pressupõe a fluidez do âmbito cibernético. Essa “crise das narrativas”, que aponta para a necessidade de compreensão da vastidão da internet, coloca

uma pergunta: não está ela, a crise geral da grande mídia, atrelada a uma “crise de identidade”, no reconhecimento de que o usuário da internet tem agora outra voz, outro espaço, distante do posicionamento tradicional da velha mídia? Em caso dessa hipótese ser verdadeira, a ascensão do *sujobloguismo* parece ter espaço no processo de compreensão desse fenômeno, de crise de paradigma técnico, com resultante da migração de públicos maciços, e também com abertura de esferas de discussão distante do monolitismo da “velha mídia”. O “blog sujo”, assim, surge adequado às representações das narrativas políticas atuais, com dispositivos para o questionamento dos velhos moldes midiáticos e munido de alternativas para abarcar e propagar opiniões não hegemônicas.

A internet, interface essencialmente interativa, conteria em si o élan da participação e seria, assim, incalculavelmente mais plural à primeira vista, ao menos no compartilhamento de conteúdos distintos e, sobretudo, na capacidade de manipulação por parte do sujeito-usuário. Wilson Gomes (2005: 218) aponta para essa “democracia digital” enquanto modelo e alternativa para a reflexão sobre a participação da sociedade civil na vida política, em contraposição às forças hegemônicas que tradicionalmente controlam o fluxo da informação, ao apontar os seguintes pressupostos como “resolver o problema da participação do público na política que afeta as democracias representativas liberais contemporâneas”, além de que “permitiria uma relação sem intermediários entre a esfera civil e a esfera política” e “representaria a possibilidade de que a esfera civil produzisse informação política para o seu próprio consumo e para o provimento de sua decisão”.

O advento do *sujobloguismo* caminha na direção dos pressupostos colocados por Gomes (2005) acerca das possibilidades da internet, sobretudo no que tange à sua tendência contra-hegemônica, seu suposto descolamento da mídia tradicional e um desprendimento em relação aos atores político-sociais conjugados com essa mesma mídia – “velha mídia”. O *sujobloguismo* é um forte agente de dispersão da informação política, em fluxos pluridirecionais e em trânsito perene com outras mídias, redes sociais, novas ferramentas em geral. Se, por um lado, possui o caráter que Caio Túlio Costa (2009) identifica como “relativismo”, ao se reportar ao papel da internet e das novas mídias, atua também como elemento de contestação do ideário consagrado pelo noticiário “clássico”, permitindo assim uma distinção entre “velho” e “novo” não apenas no quesito técnico, mas também na oposição ideológica.

Dentro da nova configuração empreendida pela ascensão do ciberespaço, aliado à crise da mídia, o “blog sujo” surgirá, pois, como contraponto a um pensamento hegemônico e como possível mecanismo de incremento de participação civil – e embora possamos identificar nos blogs mencionados aspectos que mais se aliam à vontade de proteção, no contexto da campanha eleitoral de 2010, à candidata petista, encontramos a essência na resistência ao pensamento dominante da “mídia velha”, a qual se ressalte, deu exemplos de apoio ao candidato tucano (o Estadão publicou

editorial em apoio a José Serra). Lima (2011: 157) acentua que as campanhas eleitorais, muito influenciadas pela mídia em fins do século XX, agora se reconfiguram em virtude das novas mídias. O *sujobloguismo*, vivíssimo, está, ainda, no olho do furacão.

Marcas do sujobloguismo: o avesso do acontecimento e o fato jornalístico na blogosfera

Considerando os três blogs como orientadores de uma pauta pública distinta da dos meios de comunicação tradicionais, perceberemos que o tratamento dado ao universo político se empreende, também, como fator de crítica, entendida, ressalve-se, como uma postura de aspecto contra-hegemônica (na terminologia gramsciana do termo). Acontece que essa apreciação de valor fundamentalmente militante embaralha a organização das informações, em uma readequação dos atores sociais na esfera pública. Portanto, a postura jornalística dos “blogs sujos” é oposta à legitimação das operações e mediações informativas da mídia e do jornalismo convencional.

Nesse sentido, entendemos que há uma produção de significados no *sujobloguismo* que perpassa uma “nova opinião pública”, justamente, na anteposição com a imprensa nacional estabelecida em aportes ideológicos já enraizados. Ocorre uma materialização nesses blogs de uma nova ancoragem do fato social, que pode ser medida pelo que chamamos de *avesso do acontecimento*, regido na incorporação da crítica observadora com um “jornalismo” marcado por engajamentos e sedimentado na opinião pessoal. No entanto, o avesso está fundamentado na exibição (ou na tentativa de) da verdade factual “escondida” ou “escamoteada”. Como essas informações são veiculadas pela internet, incide-se uma dispersão proposital, em que as lógicas de um “grande debate em rede” se incorporam aos temas da política e do papel da mídia no debate sobre os rumos do Brasil. Para França:

Informações desorganizam nossos quadros perceptivos, perturbando os níveis cognitivos (ou sistema de processamento) onde se encontram alojados. A desorganização em um quadro não é resolvida apenas internamente; ela repercute em outros, e a reorganização se faz num nível hierarquicamente superior, num nível “meta” que implica também um movimento de abstração (2012: 49).

Há uma percepção, observe-se a fala de França (2012), do acontecimento social que passa pela desintegração da informação e pelo consequente processo de legitimação do fato; e os “blogueiros sujos” se travestem de personalidades midiáticas imbuídas no confronto crítico, e com essa função desempenham análises de um “outro lado” do quadro social, estratificadas no campo das esquerdas.

Para identificarmos algumas marcas desse *avesso do acontecimento*, peguemos como breve quadro analítico o que se segue: no mês de junho de 2013, o Brasil foi tomado por várias manifestações, atreladas, em seu início, à luta pela redução das tarifas do transporte público em grandes cidades. Houve, a partir disso, inflexões as mais variadas em torno de “bandeiras” bastante contraditórias. Junto a essas movimentações de lastro social, viu-se uma intensa luta de legitimação de discursos e uma instrumentalização de setores da mídia convencional, no sentido de “tomar de assalto” as pautas fincadas nas “vozes das ruas”. A partir de um processo de mediação, portanto, a informação como valor é disputada numa lógica de conquista da narrativa do acontecimento.

Por isso houve, por parte dos três blogs, uma sentida elucidação do fato jornalístico, atendendo, porém, a outras expectativas. Ao se perceber que havia uma narração de tendência de direita que rivalizava com o projeto do PT e do lulismo, nas reivindicações difusas das ruas, as análises dos blogs, naquele momento, enveredaram-se por um norte discursivo de cautela ante a disposição histriônica das massas. É como se o *subbloguismo* desempenhasse o papel mediador de uma moral instituída em um código de ética muito particular: a ressalva à difusa ideia “revolucionária” das ruas em contraste com a observação crítica ao *status* governista. Além disso, há, claramente, uma discussão em torno do acontecimento em si, no que se refere à manifestação como uma fabricação midiática, estética, etc. No texto “O futuro se escreve nas ruas” (*Escrevinhador*, dia 17/06/2013), Rodrigo Vianna se mostra preocupado com o rumo dos acontecimentos: “um quadro como esse que vemos no Brasil pode terminar numa vitória rotunda do conservadorismo. Mas pode significar também uma retomada do movimento de massas, a possibilidade de criar um novo modelo de desenvolvimento”. Percebe-se que, nessa dúvida de Rodrigo, localiza-se uma dialética em torno do que estamos chamando aqui de conquista da narrativa. Mas, mais do que isso, a conquista se reveste do aspecto simbólico e político no confronto das ruas. É bom frisar que os atores políticos envolvidos na arena do capital simbólico do mês de junho transcendiam a polarização entre situação e oposição, já que prefeitos e governadores de vários partidos políticos saíram enfraquecidos no processo; inclusive, num plano maior de repercussão, a presidenta Dilma Rousseff. As preocupações e as premissas levantadas por Rodrigo Vianna são condicionadas a outra problemática, na ponderação analítica que faz no texto “E Dilma falou: ‘a mensagem das ruas’” (*Escrevinhador*, dia 18/06/2013): “Ainda assim, com pontos positivos – no limite do que é esse governo – Dilma não saiu a falar em nome da ‘ordem’. Ao contrário, louvou a manifestação democrática. Mais do que isso: sublinhou que os poderes constituídos devem prestar muita atenção ao rumor que vem das ruas”. Há, aqui, de maneira muito clara, uma proposta, por meio da análise “quente” daqueles dias intensos, de pôr ordem na confusão simbólica e se fazer notar uma narrativa condizente com o que se pode chamar de processo histórico. Essa

percepção não é dissociada, entretanto, da instância discursiva do próprio Rodrigo Vianna como blogueiro, e de sua assimilação como observador e analista-jornalista.

Ou seja, a preocupação é de se dar sentido ao *avesso do acontecimento*, posta em perspectiva no texto “‘Foda-se o Brasil’, gritava o rapaz em SP” (*Escrevinhador*, dia 18/06/2013). Nesse relato-reportagem, o repórter nos descreve os detalhes da movimentação dos protestos na cidade de São Paulo e evidencia certo sentimento obtuso antinacionalista a reger alguns setores nas ruas. A partir desse condicionante, provoca: “Despolitização? Ou pior que isso: um pé no fascismo? O discurso que nega a Política é a melhor forma de deixar a avenida aberta para uma Política autoritária”. Vemos que a captação do território da política é inserida num debate quase didático dos rumos de fatos não facilmente demarcáveis, visto que são duros e opostos ao tratamento objetivante da mídia tradicional, apesar de toda a sorte de busca de elementos discursivos para se entender “os dias loucos” de junho. Há, nas análises e depoimentos de Rodrigo Vianna, uma premissa jornalística de rumo da opinião pública pelos lances de determinação da própria função jornalística, embora o enredo seja construído em um nível pessoal de fala. Em “Esquerda x Direita na avenida Paulista: ‘ares fascistas’” (*Escrevinhador*, dia 21/06/2013), encontramos: “Pelo que vi hoje em São Paulo, sigo acreditando que esse é um movimento em disputa. A esquerda organizada entrou na luta (...). Mas por enquanto está perdendo a batalha simbólica. Quem está ganhando? A direita fascista (pelo menos em São Paulo foi o que vi). E a pauta do ‘civismo’ da Globo”. Trata-se de uma impressão pessimista e parte de uma observação pessoal, mas que reforça a ideia de polarização (política, simbólica, estrutural) dos conflitos em torno da essência, digamos, metodológica do *sujobloguismo*. A referência à Globo, no caso, insere-se em um caldo de cultura ainda mais alargado, no qual o *sujobloguismo* se mostra como antagonista das pautas “institucionalizadas” da cultura brasileira, nas quais a Globo é o exemplo mais emblemático. Após a diminuição dos ânimos das ruas, a absorção do espectro político se endereça para outros campos, essencialmente; como, por exemplo, o debate sobre a reforma política proposto pela presidenta Dilma Rousseff. No texto “Rebeliões de junho: um mês sem fim” (*Escrevinhador*, dia 21/06/2013), colocam-se em perspectiva os sintomas e os “restos” da batalha das ruas, na confrontação da ordem das instituições e mediações da política tradicional.

Há, nessa breve narratividade de alguns textos do *Escrevinhador*, a notação de um quadro sistêmico, contemporâneo brasileiro, que ora se mostra ora se esconde, sedimentando o avesso informativo, a saber: a evidenciação de uma pauta discursiva de quadros perceptivos (cf. França, 2012) do acontecimento político.

De maneira complementar e, ao mesmo tempo, confrontante, a “cobertura” das rebeliões de junho pelo *Blog da Cidadania* deixa perpassar um sentimento de revolta a causas e consequências pretensamente “conservadoras”, em alinhamento quase paradoxal à manutenção da ordem (em si, uma pauta bastante conservadora).

O que se confirma, pois, é que Eduardo Guimarães tem outra estampagem representativa na impressão dos fatos. Se pensarmos a experiência pessoal como um fator de deslocamento de chancela do acontecimento social, as premissas personalíssimas de Eduardo Guimarães se balizam, muito mais, na intuição de um modelo de defesa da “democracia” alinhado à conservação das instituições sociais. Por isso, o desconforto do blogueiro ao notar as inconveniências postas como protagonistas nas manifestações e protestos pelo país. Em “Por que levam coquetéis molotov a ‘manifestações pacíficas’?” (*Blog da Cidadania*, 12/06/2013), salienta: “Permanece um mistério o que está por trás das ‘manifestações pacíficas’ que desde o aumento do transporte público de São Paulo vêm espalhando pânico e violência pelas ruas da cidade enquanto se dizem vítimas de ‘agressões da Polícia’”. Trata-se de uma defesa da ordem institucional. A preocupação tem o seu mérito, sobretudo quando tenta defender o regime democrático em prática. Entretanto, o temor de Guimarães é estendido a “inimigos” da ordem pelo chamamento ao pânico. Há, aqui, é bom que se diga, também, uma oposição às instrumentalizações da mídia hegemônica, já que houve um deslumbramento a padrões e protestos “civilizados”, em consonância com reivindicações as mais diversas por parte da imprensa tradicional. O que o *Blog da Cidadania* coloca na arena do debate é justamente a posição “cidadã” da opinião pública, disponibilizada no seu funcionamento mais radical.

No texto “O ponto final das manifestações contra o preço das passagens” (*Blog da Cidadania*, dia 14/06/2013), encontramos: “Saindo do universo dos partidos de esquerda nas redes sociais e do caudaloso braço deles que está nas ruas tentando paralisar capitais, o que se vê nas ruas se coaduna com a percepção dos diversos níveis de governo que se deram as mãos contra os protestos”. Aqui, a crítica a setores da esquerda coloca o *Blog da Cidadania* aparentemente num campo oposto ao *sujobloguismo*. Entretanto, o desconforto em relação às insurreições de junho faz da fala de Eduardo Guimarães um molde de diário, a revelar um papel primevo de blog. No entanto, em outro texto, a posição simbólica do blog fica mais nítida. Em “Manifestações renderam gorjetas e agenda conservadora” (*Blog da Cidadania*, dia 26/06/2013) tem-se: “Uma grande causa que poderia ser encampada pelas manifestações, jamais apareceu nelas – além de em um ou outro cartaz isolado. A democratização da comunicação no Brasil não foi incluída de fato em protesto algum, apesar de o suposto organizador desses protestos, o Movimento Passe Livre, dizer-se de esquerda, corrente ideológica que apoia essa causa”. Nota-se uma vinculação de matriz ideológica, que utiliza o debate de fundo das regulações comunicacionais no Brasil, para delimitar um “discurso progressista”, em oposição à “pauta conservadora”. Sem querer entrar no esquema maniqueísta do Fla x Flu, nesse caso, a ideia proposta pelo *Blog da Cidadania* é de um sentimento de “esquerda”, “progressista”, que não “se cala ante as artimanhas do golpe conservador”. Essa linha discursiva é escancarada no tom imperativo do texto “Você vai ficar parado assistindo o golpe prosperar?” (*Blog da*

Cidadania, dia 28/06/2013). As diferenças entre o *Escrevinhador* e o *Blog da Cidadania* se estabelecem, antes de tudo, pela roupagem do discurso.

Entramos em um território em que o “novo” pede passagem. O fluxo comunicacional e as novas agendas mundiais (os protestos de junho se ancoraram simbolicamente em códigos de interatividade cibernética) se entranham em uma lógica em que a esfera pública é “ocupada” por atores e vozes virtuais. Assim, a “crise do jornalismo” contemporâneo é, essencialmente, uma crise de representação: das demandas sociais, dos processos de hibridação cultural, das dissonâncias de um mundo transnacional, etc. Os blogs, mais localizadamente, exercem um papel ainda mais multifacetado, na medida em que agrupam informações pessoais, de um lado, e lutas de segmentação coletiva, de outro. Há blogs para todos os gostos e públicos, como bem sabemos. No caso específico de nosso objeto de análise, a *conversa política* é exercida como um fluxo ininterrupto, diário e observador, de tomada de posição diante de uma “esfera pública histórica e virtualizada”. Por isso, a crítica, sobretudo aos ditames do comportamento midiático tradicional, do *sujobloguismo* é um instrumento, de certo modo, proselitista, mas que, contraditoriamente, ou propositadamente (se pegarmos as nuances políticas do termo “blog sujo”), atua na esteira de lutas progressistas, contemporâneas, humanitárias, solidárias, etc. Segundo Martino (2012):

Os blogs desestabilizam algumas certezas da prática jornalística e colocam em questão algumas ideias consagradas a respeito do interior da profissão, de um lado, e da amplitude dos efeitos do jornalismo no espaço público, de outro. As alterações estruturais da mídia, decorrentes de uma mudança em sua prática específica na produção e circulação de informações imediatamente afeta suas relações com a esfera pública, bem como levanta questões diversas a respeito dessas alterações. Se a “esfera pública” representou uma “mídiatização” da política, a “blogosfera”, como espaço de discussão, pode significar uma esfera pública virtual? (Martino, 2012: 271-272)

A possível resposta à pergunta de Martino se adéqua, a nosso ver, à materialização do próprio *sujobloguismo* enquanto instância representativa de pautas da esfera pública, como, também, de um ambiente de crítica na internet simpático a uma lógica “nova” de apreensão dos fatos, sedimentando o acontecimento em seu avesso. De certo modo, as premissas levantadas por Martino dialogam com as categorizações de Sodré (2009), ao falar das “mutações do tempo” na narrativa do fato jornalístico, na internet: “Com a internet, entretanto, emerge outra lógica – e aqui está a diferença significativa –, que desloca para o receptor grande parte do poder de pautar os acontecimentos” (Sodré, 2009: 101).

Apropriando-se do “diagnóstico” de Sodré, o “poder de pauta dos acontecimentos”, na blogosfera, mais particularmente, escancara outros níveis de agencia-

mento da pauta em jogo no debate social, isso sem falarmos em novas indumentárias de representação, em novos “formadores de opinião” e em novas participações em uma esfera pública complexa.

O que estamos querendo afirmar é que na aparente “confusão simbólica” da blogosfera se localiza um espaço de intensa radicalidade de vozes escondidas, por mais “desconfortáveis” e “desconfortantes” que sejam. No caso do *sujobloguismo*, outros dois elementos são expostos: a construção de uma *compreensão* das coisas políticas e a *práxis* contradiscursiva em relação à mídia tradicional.

Postura contra-hegemônica e ambiente de compreensão

Como vimos, a blogosfera pressupõe um espaço de participação. Essa interatividade, porém, não é apenas condicionada, pura e simplesmente, a uma troca de informações na ideia mais acabada de um fluxo comunicacional rígido e linear. Tanto nos apontamentos de Sodré (2009) quanto nos de Martino (2012) e Gomes (2005), existe uma percepção de que a internet, como espaço, desenvolve outra linha de entendimento da realidade. Ao vincular tais tendências de comportamento para a política, o *sujobloguismo* expõe uma série de inconvenientes da própria fabricação do acontecimento enquanto um produto afeito ao estofo do jornalismo como entidade. Esse desprendimento não se calcula com a incorporação de novos códigos de ação, somente, já que sua configuração está aliada a um processo de “contaminação”, de “invasão” das ordens do dia, na blogosfera.

Por isso, é necessário entrarmos em um debate de matriz epistemológica. Existe como prerrogativa, no funcionamento dos blogs, um princípio de independência *autoral* que subjuga a informação como moeda de troca. É como se essa individualidade se configurasse como um exemplo rotundo da emancipação do sujeito produtor e receptor de conteúdos, concomitantemente; nesse sentido, pensar a atividade jornalística no seio da blogosfera é aceitar que a formação da opinião pública é mediada em outros tipos de pensamento, os mais controversos e distintos.

Para que esse desenho ganhe nitidez, pois, é prudente que se visualize o fato da *compreensão* do mundo a partir de uma série de dispositivos de conflito. Acreditamos que nos blogs aqui elencados há uma tensa absorção da realidade, pelo viés personalista, a advertir, a todo o instante, pela chave discursiva comprometida e engajada politicamente, que estamos em um mundo engendrado na disputa política. Há, portanto, uma *práxis* política que se alimenta da crítica, mas que busca, em uma disposição aparentemente caótica, a *compreensão*. Dimas Kunsch (2012) defende o *ensaio* como categoria analítica, ao propor uma discussão em torno do pensamento compreensivo da realidade pelos estudos teóricos da comunicação. É interessante notar que há uma aproximação das categorias envolvidas por Kunsch com a noção de relevância do papel desempenhado pelo *sujobloguismo*.

Assim, o *sujobloguismo* se estabelece como um dínamo compreensivo, a partir de um pensamento que se guia pela ruptura, pela luta contra a convenção midiática. A expressão “PIG”, nesse sentido, tem um caráter irônico, mas é altamente representativa das diluições sobre as quais os blogs problematizam e evidenciam.

Voltando às manifestações de junho de 2013, vejamos o que nos diz o texto “Caiu o nosso muro de Berlim. E agora?” (*Viomundo*, dia 19/06/2013): “Ah, mas o mundo mudou. Escapamos das hierarquias que nos foram impostas pelo fordismo. Estamos em rede. Nosso levante é tão silencioso quanto independente. O risco, qual o risco?”. Nota-se que o pensamento compreensivo do texto busca na dúvida uma dialética de construção simbólica de um tempo em que a informação estilizada das redes articula-se à discussão das hierarquias, no processo histórico, em diálogo com o papel exercido pela virtualidade nas manifestações (por isso, a referência metafórica à “queda do nosso muro de Berlim”). Em outro texto, “Post exclusivo para quem gosta de teorias de conspiração” (*Viomundo*, dia 22/06/2013), encontramos a seguinte provocação de Azenha:

O comando [das manifestações de rua] é da classe média urbana que tem bom acesso à internet nas regiões metropolitanas. Frações da classe trabalhadora remediada, aquela que ascendeu ao longo do governo Lula, aderiram. O lúmpem vai no bolo. Quando ele se manifesta politicamente através do saque, é reprimido. Parar uma rodovia estratégica, causando milhões de reais em prejuízo para o público em geral, é aceitável; invadir uma loja de automóveis e “espancar” os veículos, causando um prejuízo de alguns milhares de reais, é um horror! O que guia esta rebelião juvenil são valores de classe média e seus interesses de classe – pelo menos é o que nos quer fazer crer a mídia.

Há, nesse trecho, uma tentativa de diagnóstico social que envolve, novamente, a instrumentalização das narrativas. E há, também, um ente discursivo a propor um debate dialético sobre o papel da mídia, um tipo de interpretação narrativa e representacional dos fatos, naquele momento, ou seja, o *avesso do acontecimento* estendido à *compreensão*.

O pensamento compreensivo do *sujobloguismo* se faz de uma premissa contradiscursiva, na medida em que propõe uma operação de caráter metalinguística e crítica do papel hegemônico de setores da imprensa brasileira. A conquista da narrativa do processo histórico, em meio à diuturna narratividade dos fatos, vem apoiada, pois, em duas diretrizes: a) a notação de uma postura marcadamente crítica e contra-hegemônica; b) a notação de um discurso revelador da crise de informação e de credibilidade da mídia.

Tem-se, como já advertimos no início deste trabalho, um cenário de transição com mudanças paradigmáticas da ação informativa. De acordo com Ramonet:

A perda de credibilidade [do jornalismo convencional] acentuou-se nas duas últimas décadas, especialmente como consequência do desenvolvimento do negócio midiático. A partir da metade dos anos 1980, vivemos duas substituições. Primeiro, a informação contínua na TV, mais rápida, tomou o lugar da informação oferecida pela imprensa escrita. Isso conduziu a uma concorrência mais acirrada entre mídias, numa corrida de velocidade em que há cada vez menos tempo para verificar as informações. Depois da metade da década de 1990, e particularmente nos últimos anos, com a expansão da internet, surgiram os ‘neojornalistas’, que são testemunhas-observadoras dos acontecimentos – sejam, políticos, culturais, meteorológicos ou de variedades – e se tornaram uma fonte de informações extremamente solicitada pelas próprias mídias tradicionais (2013: 86).

A expressão “testemunhas-observadoras dos acontecimentos” se alia às características presentes na construção do *sujobloguismo* como instância representativa de um novo olhar sobre o mundo, em outra lógica de entendimento do acontecimento social. Além disso, e talvez mais significadamente, o *sujobloguismo* propõe uma briga em que a mídia em crise se torna vigiada, não apenas nos sentido da cautela preservadora da democracia (mito do espelho imparcial do jornalismo). Ou seja, as opiniões fortes dos blogs, em íntimo contato com a realidade mais factível, em termos de sentido de identificação, inserem atores importantes na *compreensão* (novamente) dos fatos (cada vez mais reconstruídos e apropriados por “n” participantes do caldo cultural amplo da sociedade). Nesse sentido, a transição de modelos informacionais descrita por Ramonet se coaduna ao *sujobloguismo* como um paradigma de envolvimento do acontecimento social pela crítica ininterrupta dos “desvios”, “crimes” e “irregularidades” da mídia e jornalismo tradicionais. Em “Mais Médicos despiu a elite, a oposição e a mídia” (*Blog da Cidadania*, dia 10/09/2013), vê-se, Eduardo Guimarães narra que os comentários presentes no seu cotidiano contra o ex-presidente Lula e o PT parecem se antepor à narrativa empreendida pela mídia e os partidos de oposição nos episódios de preconceito envolvendo o programa Mais Médicos, do governo federal. Na confrontação de classes que suscita, Guimarães deixa claro, em seu blog, que o conflito social passa pelo debate midiático, amplamente discutido em uma nova plataforma, a blogosfera.

Rodrigo Vianna, ex-repórter da TV Globo, no texto “O dia em que até a Globo vaiou Ali Kamel” (*Escrevinhador*, dia 22/10/2010), diz:

Boas fontes – que mantenho na Globo – contam-me que o constrangimento foi tão grande que um dos chefes de redação da sucursal paulista preferiu fechar a persiana do “aquário” (aquelas salas envidraçadas típicas de grandes corporações) de onde acompanhou a reação dos jornalistas. O chefe preferiu não ver. A vaia dos jornalistas, contam-me, não vinha só de eleitores da Dilma. Há muita gente que vota em Serra na Globo, mas que sentiu vergonha

diante do contorcionismo do “JN”, a serviço de Serra e de Kamel. Terminado o telejornal, os editores do “JN” em São Paulo recolheram suas coisas, e abandonaram a redação em silêncio – cabisbaixos alguns deles. Sexta pela manhã, a operação kameliana ainda causava estragos na Globo de São Paulo. Uma jornalista com muitos anos na casa dizia aos colegas: “sinto vergonha de ser jornalista, sinto vergonha de trabalhar aqui”. Serra e Kamel não sentiram vergonha”.

Ao contar uma história envolvendo as escolhas editoriais do diretor de jornalismo da TV Globo, Ali Kamel, Rodrigo Vianna rememora as condições de seu desligamento da emissora prateada⁶. E pontua em um episódio bastante representativo da eleição de 2010 (o mencionado caso da “bolinha de papel”) que a crise de modelo jornalístico também está alinhada a uma crise de preceitos éticos.

Seguindo esse mesmo tom, Luiz Carlos Azenha, no texto “O leitor que me fez mudar de ideia” (*Viomundo*, dia 01/04/2013), diz:

Como tocar um blog que não aceita patrocínios de governos, empresas públicas ou estatais — uma decisão tomada porque esperamos que Globo, Veja, Folha e Estadão nos sigam — e ainda assim tenha capacidade de debater políticas públicas de forma relevante, sem apenas reproduzir opinionismo político? Acreditamos que o Estado deva adotar políticas que incentivem a diversidade e a pluralidade, conforme previsto na Constituição. Que combata a propriedade cruzada. Acreditamos que o Parlamento deve cuidar do Direito de Resposta, uma forma de evitar a judicialização que leva desiguais para se enfrentarem num campo em que prevalece o poder econômico — dos advogados e lobistas.

Notamos que, na crise circunstancial vivida por Azenha⁷, levanta-se a possibilidade de debate a respeito dos modelos de marcos regulatórios para os meios de comunicação no Brasil. Mas, além disso, evidencia-se que a crise de modelo está alicerçada na interferência do poder econômico e na tentativa de impedimento de algumas passagens e transições inadiáveis.

Em diálogo a isso, Serrano (2013) afirma que a mídia e o jornalismo tradicional foram solapados, na realidade, por várias crises: a) crise de mediação: “deixaram de se identificar com os cidadãos”; b) crise de credibilidade: “escondem elementos fundamentais da realidade”; c) crise de objetividade: “queda brusca da imagem de agentes informativos e neutros”; d) crise de informação: “dinâmica mercantilista dos meios de comunicação”; e) crise de distribuição: “obsolescência do mercado” (Serrano, 2013: 148-150). Após o diagnóstico das crises, o autor propõe o seguinte modelo estratégico contradiscursivo e contra-hegemônico para o “novo jornalismo” da internet:

1. Deixar em evidência a falta de credibilidade da grande mídia, denunciando suas mentiras, sua dupla moral e seu desequilíbrio desinformativo; 2. Trabalhar

na criação de meios de comunicação alternativos que sejam capazes de deslocar os convencionais e, deste modo, ir abrindo uma brecha no panorama midiático para que haja cada vez mais fontes de informação (Serrano, 2013: 152).

Impossível não associar as prerrogativas levantadas sobre o *sujobloguismo* com as orientações categóricas de Serrano. Entendemos que essa associação ou preocupação teórica, na localização dos sintomas de uma época, ecoa e se revela em outro ambiente de compreensão política. Ou seja, *Blog da Cidadania*, *Escrevinhador* e *Viomundo* estão postos, pois, em uma linha comportamento midiático contemporâneo que sugere e corrobora uma esfera pública participativo-virtual altamente conflitante.

Considerações finais: sujobloguismo e a esfera pública conflitante

Maffesoli (2003) nos chama a atenção que, na sociedade contemporânea idealizada como uma “sociedade da informação”, o indivíduo só é pleno de vitalidade se relacionado simbolicamente com alguma coletividade. A informação, nesse sentido, estaria embasada no convívio cotidiano – em suas tensões latentes – ao qual ele nomeia como “um cimento social” organizado, a partir de uma premissa caótica de absorção da realidade.

Essa explicação sobre o funcionamento da comunicação, dada por Maffesoli (2003), transcende a mera equiparação da pauta pública, pelas mídias, na medida em que torna suscetível o debate com outros componentes de apropriação comunicativa e participação política, ou seja, a fragmentação das identidades, na contemporaneidade, está alicerçada em um *ethos* embasado por difusas – e legítimas – agendas do dia a dia pulsante.

A premissa do *cimento social*, portanto, adéqua-se à fala de Wilson Gomes (2005), no sentido de evidenciar que uma “nova” participação política é impulsionada, sobretudo, por arenas de disputa: sejam elas narrativas, discursivas, ideológicas, políticas.

Neste texto, elencamos três blogs na tentativa de identificar que o aporte da conquista da narrativa é mola mestra do papel político e representativo das mídias, assim como do poder relativizado na fragmentação social. Por isso, o *sujobloguismo* encara a crítica ao propor uma visão contrária a uma narratividade construída e ancorada em determinada e circunscrita “realidade” factual. No entanto, nos novos cenários e espaços virtuais – mais especificamente a blogosfera e as redes sociais – há a possibilidade de um estatuto de significação avesso ao acontecimento social padrão de um jornalismo hegemônico e comprometido com interesses específicos. Com isso, a ideia de *compreensão* do mundo está articulada a um pensamento, de certo modo opinativo em demasia, articulado à possibilidade de discussão das regulações e de definições de novos marcos regulatórios no setor das comunicações.

Ou seja, o que o *sujobloguismo* reivindica é a construção de canais diversos com representações sociais antagônicas à monopolização midiática. Se percebermos a crise de modelos e de identidade da mídia tradicional, o *sujobloguismo* se coloca como um lugar em que a crítica e a participação se enredam em uma esfera pública conflitante, pois os blogs aqui percorridos se ensejam em um dispositivo de tensão, na observação da imprensa. Essa tensão é evidenciada pelo debate múltiplo e compartilhado (*Vio-mundo*), pelo observatório incessante da pauta diária midiática (*Escrevinhador*) ou pela militância mais desgarrada (*Blog da Cidadania*). Ao se autodenominarem “progressistas” ou “sujos”, os blogueiros alocam em outra perspectiva a atividade jornalística. Esse parece ser o debate de fundo, a partir do caminho aqui traçado. Como o jornalismo se adequará, na realidade da informação em fluxo e virtualizada, às radicalizações de fala de todas as ordens? O *sujobloguismo* não está sozinho nessa tarefa de abordagem compreensiva e contraditória do fato bruto, mas seus caracteres sugerem uma politização mais esquizofrênica, justamente, a partir do entendimento de uma esfera pública mais corrosiva e multissegmentada na rede.

A crítica e a *compreensão* do mundo são valores caros na ordem do dia. O *sujobloguismo*, por meio dos três blogs estudados, nos adverte e nos questiona, a todo o instante: “de que lado você samba, de que lado você vai sambar?”⁸

Cláudio Rodrigues Coração

Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

André Gustavo de Paula Eduardo

Professor da Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF)

Recebido em março de 2014.

Aceito em julho de 2014.

Notas

1. Conforme o endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/785564-serracusa-governo-de-financiar-blogs-sujos-e-perseguir-jornalistas.shtml>
2. Partido da Imprensa Golpista, segundo palavras do próprio Amorim, em seu blog: “Em nenhuma democracia séria do mundo, jornais conservadores, de baixa qualidade técnica e até sensacionalistas, e uma única rede de televisão têm a importância que têm no Brasil. Eles se transformaram num partido político – o PiG, Partido da Imprensa Golpista.”
3. José Serra, após o incidente, dirigiu-se a um hospital para realizar uma tomografia. Foi o famoso “caso da bolinha de papel”.
4. Expressão de nossa autoria.
5. Venício de Lima se refere ao crescente processo de acesso da população à internet, e se utiliza de pesquisa do DataSenado de 02/10/2009. Certamente os números de internautas no Brasil aumentaram desde então.

6. Rodrigo Vianna foi demitido da Rede Globo em dezembro de 2006, após circular pela internet e-mail seu com conteúdo crítico à condução da emissora durante a campanha eleitoral de 2006, segundo Vianna manipulatória e tendenciosa.
7. Azenha é processado, como Luis Nassif, Vianna e o blogueiro do *Cloaca News*, Willians Miguel de Barros, por Ali Kamel, Diretor Geral de Jornalismo e Esportes da Globo, por associarem sua imagem a de um ator pornográfico homônimo.
8. Trecho da letra da canção *Samba do lado*, de Chico Science e Nação Zumbi (álbum *Afrociberdelia*, 1996).

Referências

- COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga e OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 7 (3), 2005, p. 214-222.
- KUNSCH, Dimas A. *A comunicação e suas teorias: pensar com, ou de como pensar compreensivamente*. Fortaleza: Anais Intercom, 2012.
- LIMA, Venício de. *Política de comunicação: um balanço dos governos Lula [2003-2010]*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.
- _____. *Regulação das comunicações: história, poder e direitos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: modos de enunciação no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). Porto Alegre: *Revista FAMECOS*, n. 20, abril/2003.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- RAMONET, Ignacio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio e SERRANO, Pascual (Orgs.). *Mídia, poder e contrapoder*. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Faperj, 2013.
- SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio e SERRANO, Pascual (Orgs.). *Mídia, poder e contrapoder*. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Faperj, 2013.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- VIZER, Eduardo. Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: FERREIRA, Jairo e VIZER, Eduardo (Orgs.). *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007.

Webgrafia

- www.blogdacidadania.com.br
www.rodrigovianna.com.br
www.viomundo.com.br

Textos analisados

AZENHA, Luiz Carlos. *Caiu o nosso muro de Berlim. E agora?* Disponível em <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/caiu-o-nosso-muro-de-berlim-e-agora.html>>.

_____. *O leitor que me fez mudar de ideia.* Disponível em <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/o-leitor-que-me-fez-mudar-de-ideia.html>>.

_____. *Post exclusivo para quem gosta de teorias de conspiração.* Disponível em <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/levante-nas-ruas-taxar-fortuna-dos-marinho-para-financiar-o-transporte-publico.html>>.

GUIMARÃES, Eduardo. *Mais Médicos despiu a elite, a oposição e a mídia.* Disponível em <<http://www.blogdadadania.com.br/2013/09/mais-medicos-despiu-a-elite-a-oposicao-e-a-midia/>>.

_____. *Manifestações renderam gorjetas e agenda conservadora.* Disponível em <<http://www.blogdadadania.com.br/2013/06/manifestacoes-renderam-gorjetas-e-agenda-conservadora/>>.

_____. *O ponto final das manifestações contra o preço das passagens.* Disponível em <<http://www.blogdadadania.com.br/2013/06/o-ponto-final-das-manifestacoes-contr-o-preco-das-passagens/>>.

_____. *Você vai ficar parado assistindo o golpe prosperar?* Disponível em <<http://www.blogdadadania.com.br/2013/06/voce-vai-ficar-parado-assistindo-o-golpe-prosperar/>>.

VIANNA, Rodrigo. *E Dilma falou: “a mensagem das ruas”.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/plenos-poderes/e-dilma-falou-a-mensagem-direta-das-ruas.html>>.

_____. *Esquerda x Direita na avenida Paulista.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/geral/esquerda-x-direita-na-avenida-paulista-impl-denuncia-ares-fascistas-em-sp.html>>.

_____. *Foda-se o Brasil’, gritava o rapaz em SP.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/palavra-minha/foda-se-o-brasil-gritava-o-rapaz-em-sp.html>>.

_____. *O dia em que até a Globo vaiou Ali Kamel.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/o-dia-em-que-ate-a-globo-vaiou-ali-kamel.html>>.

_____. *O futuro se escreve nas ruas.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/palavra-minha/o-futuro-se-escreve-nas-ruas.html>>.

_____. *Rebeliões de junho: um mês sem fim.* Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/palavra-minha/rebelioes-de-junho-o-mais-longo-dos-meses.html>>.

Resumo

Através do estudo dos blogs *Viomundo*, *Escrevinhador* e *Blog da Cidadania*, este artigo pretende abordar de modo crítico o fenômeno aqui chamado de *sujobloguismo*: possível espaço de discussão na internet contraposto à mídia hegemônica, atuando como observatório da chamada “grande imprensa”, porém dotado de marcas singulares. Com forte ênfase política, tais blogs têm demonstrado vocação para o questionamento de paradigmas da era da interatividade *in extremis*, questionando não apenas os modelos ideológicos que fundamentam os veículos tradicionais da mídia, mas também seus paradigmas de ordem técnica.

Palavras-chave

Sujobloguismo. Comunicação contra-hegemônica. Blogosfera. Internet. Crise da mídia.

Abstract

Through the study of the blogs *Viomundo*, *Escrevinhador* and *Blog da Cidadania*, this article aims to address critically the phenomenon here called *sujobloguismo*: possible space of discussion in internet opposed to the hegemonic media, acting as observatory called “mainstream media”, but endowed with singular brands. With strong political emphasis, such blogs have shown vocation for questioning paradigms of interactivity era *in extremis*, questioning not only the ideological models that justify the traditional media outlets, but also their technical paradigms.

Keywords

Sujobloguismo. Counter-hegemonic communication. Blogosphere. Internet. Media crisis.